



A sociedade melancólica e os estados de descontentamento social: uma análise psicanalítica sobre o desamparo social e a política da melancolização

*The melancholic society and states of social discontentment:
a psychoanalytic analysis of social absenteeism and the policies on melancholy*

Adalto Ferreira CAMPOS¹

Tereza Maria Baptista DUBEUX²

Resumo: A questão sobre a melancolia e sua clara presença nos espaços sociopolíticos tem sido cada vez mais discutida nos meios acadêmicos e, conseqüentemente, motivo de releituras, reinterpretações e reflexões. Desta maneira, este artigo tem por finalidade debater, com enfoque na psicanálise lacaniana, de que forma a melancolia, enquanto sintoma, patologia mãe, uma posição crítica, circula e afeta o sujeito na cadeia significante. Também, objetiva compreender, como que a melancolia pode vir a promover o desamparo social e estimular, assim, uma política da melancolização. Para tanto, foi realizada uma análise qualitativa dos dados, a partir da pesquisa bibliográfica. Com base nisto, inicialmente será discutida a incidência da melancolia no sujeito. Em seguida, uma análise da melancolia na sociedade contemporânea e a presença da pulsão, desejo e gozo no filme *Melancholia* (2011). E, por fim, uma reflexão sobre a potência mortífera melancólica, presente nos discursos promotores de desamparo social e, presente, também, no estabelecimento de um corpo político.

Palavras-chave: Desamparo social. Política da melancolização. Psicanálise lacaniana. Pulsão. Desejo. Gozo.

Abstract: The issue of melancholy and its clear presence in socio-political spaces has been increasingly discussed in academic circles and, consequently it has become a reason to reread, reinterpret and reflect about this subject matter. Thus, this article aims to debate this theme, focusing on Lacanian psychoanalysis, how melancholy, as a symptom, a mother pathology, a critical position, circulates and affects the person through this significant chain of events. It also aims to understand how melancholy can promote social helplessness and stimulate, thus, a policy of melancholy. For doing so, a qualitative analysis of the data collected was carried out based on a bibliographic research. Based on that, initially it will be discussed the incidence of melancholia upon an individual. Followed by an analysis of melancholy in contemporary society and the presence of pulse, desire and enjoyment in the movie *Melancholia* (2011). And, finally, a reflection on the mortality of melancholy, present in the stimulation resulted from social absenteeism and political establishment.

Keywords: Social helplessness. Melancholy policies. Lacanian psychoanalysis. Pulse. Desire. Enjoyment.

<http://dx.doi.org/10.24024/23579897v29n12020p65082>

¹ Psicólogo (2015/19) | FAFIRE | pós-graduando em Intervenções Clínicas na Abordagem Psicanalítica | FAFIRE | escritor | E-mail: jal.adalto@hotmail.com

² Mestra em Psicologia Clínica | professora da Faculdade Frassinetti do Recife | FAFIRE | e orientadora da pesquisa | E-mail: terezadubeux@gmail.com

Introdução

O presente artigo busca compreender de que forma a melancolia, enquanto patologia mãe, sintoma, posição crítica, se apresenta no seio social, tanto na esfera pública quanto na esfera privada, levando em consideração as constantes reinvenções destes espaços, bem como suas possíveis aparições nos contextos sociopolíticos.

Para tanto, é preciso de antemão enfatizar que Freud, em seus primeiros trabalhos, de acordo com Clemente (2013), comparou a melancolia a uma anestesia psíquica que decorria de uma diminuição da produção da energia sexual, como uma hemorragia, diminuindo a reserva de libido. Neste caso, a melancolia estaria ligada a uma perda pulsional, sendo vista, portanto, como um buraco na esfera psíquica, algo que não pôde ser representado.

Segundo Clemente (2013), a perda, na melancolia, poderia ter natureza diversa: um objeto amado, perdas de natureza mais ideal e situações em que não se consegue distinguir o que foi realmente perdido, o que estaria, então, na base do mecanismo da melancolia.

É preciso, ainda, considerar, a relevância da presença da melancolia na sociedade, enquanto sintoma manifesto na política e nas demais esferas de poder. Estamos em uma sociedade em que a política incita a melancolia social, assim como pontua Dunker (2019), uma política que vai explorar o desamparo das pessoas. Dunker (2019), neste ponto nodal, assinala que a política da melancolização, portanto, trará em seu discurso uma certa cota de idealização, um discurso que põe em cena o pai todo-salvador. O autor supracitado ainda pontua que a política da melancolização é baseada em três tópicos: no medo, no ódio e no desamparo.

Diante do exposto, e levando em consideração o atual cenário sociopolítico brasileiro, torna-se imperiosa a discussão acerca desta temática. Assim, o presente artigo se propõe a refletir sobre o sujeito enquanto parte desta sociedade promotora de estados melancólicos, bem como analisar a melancolia no contemporâneo, a partir do filme *Melancholia*, de Lars Von Trier (2011), e a presença da pulsão, desejo e gozo na narrativa. Em última tópica, investigar como que o desamparo social e a política da melancolização afetam o transitar deste sujeito.

Este trabalho busca, neste seguimento, contribuir para a comunidade acadêmica, a fim de estimular o debate sobre a melancolia social e a emergência dos estados de descontentamento, trazendo, à luz, a compreensão psicanalítica da questão. Como aporte teórico, este artigo conta com a revisão de obras como *Luto e Melancholia*, de Sigmund Freud (1917 [1915]/2011), *O seminário, livro 10: a angústia*, de Jacques Lacan (1962-1963/2005), *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia*, de Marie-Claude Lambotte (1997), *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*, de Christian Dunker (2015), e *O inconsciente a céu aberto da psicose*, de Colette Soler (2007).

De Freud a Lacan: o sujeito em hemorragia libidinal

A conceituação freudiana do que viria a ser a melancolia, como exposta por Clemente (2013) é, em sua conjuntura, própria à abertura de discussões. Em seu trabalho, *Luto e Melancholia* (1917 [1915] /2011), Freud explicitará conceitualmente que a melancolia se caracterizaria por um desânimo, uma certa suspensão do interesse pelo mundo, uma perda

da possibilidade de amar; ela lançaria mão de um rebaixamento da autoestima. Como exposta por Freud, e retomada por Clemente (2013), a melancolia se expressaria, portanto, em autoinsultos e autorrecremnações, chegando até a expectativa delirante de punição.

A melancolia, segundo tratada por Freud (1917 [1915] /2011), pode ser compreendida a partir da perda de objeto, sendo assim, a primeira premissa. Neste ponto, o sujeito reconhece o que perdeu, mas não sabe o que realmente perdeu. Muito similar, portanto, a um buraco, do qual, por mais que se procure tamponá-lo, o sujeito não encontra o que lhe falta. Por Freud (1917 [1915] /2011), ainda é possível enfatizar que o melancólico põe em cena o que falta no luto, assim, sendo um grande empobrecimento do ego, bem como um rebaixamento do sentimento de autoestima.

O melancólico, mais bem visto no filme *Melancholia* (2011), que será tratado posteriormente, não se comporta como um sujeito que se autorrecremina em condições ditas normais, assim como pontua Freud (1917 [1915] /2011). Falta ao melancólico a vergonha diante dos outros, ele expõe o escárnio, revela-se, desnuda-se, e, desta forma, penetra em um discurso de satisfação. Assim, como acentua Freud (1917 [1915] /2011), o melancólico é aquele que sofreu uma perda no objeto, e, de suas afirmações, emerge uma perda em seu ego.

De acordo com o assinalado por Ribeiro (2016), na melancolia, uma parte do eu se colocará contra a outra, de certa forma, julgando-a e tomando-a como um objeto. Ribeiro (2016) enfatiza ainda que, em contraste com a mortificação do melancólico, é possível encontrar o estado de exaltação maníaca. Na mania, de acordo com a autora, o sujeito está dentro de uma existência que perdeu sua historicidade, ou seja, o sujeito está solto na linguagem que o atravessa, enquanto que, na fala do melancólico, o discurso perde sua fluidez, assim como a possibilidade de deslizar de um significante para outro.

Ribeiro (2016) reflete que o estado maníaco para Freud aparecia como alvoroço e alegria no plano da conduta, causados, assim, por uma suspensão das inibições impostas pelo Ideal de Eu. Nos estados maníaco-depressivos, há uma negação da realidade psíquica, e o maníaco, nesta via, encontra-se disperso na linguagem que o atravessa, ao se desprender do objeto. Por outro lado, o melancólico não consegue deslizar por esta linguagem, visto que é uma presa do objeto, assim como conclui Ribeiro (2016).

A psicanalista francesa, Colette Soler, em seu livro, *O inconsciente a céu aberto da psicose* (2007), no qual é enfática no discurso da psicanálise lacaniana, unifica o que Freud laborou em *Luto e Melancholia* (1917 [1915] /2011). Soler (2007) aponta que, se o luto for análogo à tristeza melancólica, a festa, seria, portanto, análoga à euforia maníaca. Aqui, como Soler (2007) sintetiza, o júbilo da transgressão viria a se tornar a mola da mania, bem assim como a dor da perda seria a mola para a melancolia.

Dunker (2016), que também realiza uma releitura de *Luto e Melancholia*, aponta que a segunda premissa disposta por Freud, a da ambivalência, representaria justamente isto: a relação entre amor e ódio, uma crítica, uma opressão de si mesmo, uma posição a assumir.

O psicanalista brasileiro e titular da Universidade de São Paulo - USP enfoca que é possível relacionar o tempo da ambivalência na melancolia e a questão da mania na cena primária do assassinato do pai, em *Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (1912-1914/2012).

Neste ponto nodal, a cena primária, ato criador da civilização, seria, portanto, aquela onde os irmãos se reúnem, matam o pai, comem de forma antropofágica este pai, no ato de simbolização de que a lei foi instaurada, e, desta forma, nenhum dos irmãos terá acesso às mulheres, reflete, assim, Dunker (2016).

Segundo o autor supracitado, e refletindo sobre a proposta temática, é possível perceber que este assassinato do pai é seguido, inicialmente, por um luto, e, depois, por uma festa, que representaria, então, este pacto.

As festas comemorativas e socialmente aceitas, como páscoa, natal, carnaval, entre outras, são um claro exemplo de que esta cadeia desliza, e que as posições encontram formas de se incorporarem à cultura. Dunker (2016) pontua, em última instância, que o melancólico, encontra-se preso, impossibilitado de transitar, contido em um conflito que não evolui, um conflito que não gera transformação, quer sobre o mundo, quer sobre as relações, quer sobre si.

Sobre a terceira premissa freudiana da concepção melancólica, Dunker (2016) assinalará que seria a regressão da libido para o eu, neste caso, para o narcisismo. A libido se volta para o objeto, mas ela não se fixa nem na fantasia e nem no eu. A libido escorre pelo eu como uma hemorragia. O sujeito melancólico está imerso em um narcisismo patológico, um conflito que só gera mais acúmulo de libido no eu e que se mostra como recriminação sobre o próprio eu.

Como distinção entre melancolia e luto, Freud (1917 [1915]/2011) mostra-se excepcionalmente didático ao apontar que o luto seria uma reação à perda de uma pessoa, representação ou algo que esteja ocupando um lugar na vida deste sujeito, e que, se no lugar do luto, a melancolia tomar posse, há a possibilidade de uma instauração patológica. Freud assinala que, após um determinado tempo, haverá a superação do luto, e seria inadequado, ou até mesmo prejudicial, perturbá-lo.

Lambotte (1997), no que condiz com esta tópica, vai ressaltar que o enlutado é o sujeito que sabe o que perdeu dentro de sua dinâmica. Por outro lado, o melancólico é aquele que possui o desconhecimento desta perda, todavia, possui clarões, vislumbres da verdade, da qual ele, porventura, conseguiu chegar muito perto.

No que concerne ao ensino lacaniano, levando em consideração que Lacan compreendia o sujeito como um ser da linguagem, do desejo, do discurso, a reflexão que Freud realizou sobre o complexo melancólico, em que o trata como uma ferida aberta, nunca fez tanto sentido como para os desdobramentos da concepção lacaniana da noção de melancolia e de luto.

Lacan, então, enuncia em *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963/2005):

[...] Depois de enveredar pela ideia de reversão da libido pretensamente objetal para o próprio eu do sujeito, Freud admite em termos apropriados que, na melancolia, esse processo obviamente não dá bom resultado, porque o objeto supera sua direção. É o objeto que triunfa [...] (LACAN, 1962-1963/2005, p. 364).

Lacan (1962-1963/2005), desta forma, vai apontar que só é possível apreender o que é próprio do ciclo mania-melancolia se acentuarmos a diferença de função entre a relação de a com o *i* (*a*) no luto. Lacan também vai enfatizar que, por outro lado, vai haver uma referência maior ao a, uma referência radical, mais próxima para o sujeito do que qualquer

outra relação, porém, desconhecida a este sujeito, alienada, portanto, na relação narcísica. Lacan continua suas considerações sobre o mecanismo da melancolia, expondo que:

Na melancolia, trata-se de algo diferente do mecanismo de retorno da libido no luto e, por essa razão, todo o processo, toda a dialética se constrói de outra maneira. O objeto, Freud nos diz que é preciso [...] que o sujeito se entenda com ele. Mas o fato de se tratar de um objeto a e de, no quarto nível, este se encontrar habitualmente mascarado por trás da *i(a)* do narcisismo, e desconhecido em sua essência, exige que o melancólico, digamos, atravesse sua própria imagem e primeiro a ataque, para poder atingir, lá dentro, o objeto a que o transcende, cujo mandamento lhe escapa — e cuja queda o arrasta para a precipitação suicida, com o automatismo, o mecanicismo, o caráter imperativo e intrinsecamente alienado com que vocês sabem que se cometem os suicídios de melancólicos. E eles não são cometidos num quadro qualquer. Se tantas vezes isso acontece na janela [...], não é por acaso. É o recurso a uma estrutura que não é outra senão a da fantasia (LACAN, 1962-1963/2005, p. 364).

Conforme Lustoza (2018), o ensino de Lacan promoveu uma diferença estrutural entre as psicopatologias, surgindo, a partir disto, a necessidade de diferenciar a melancolia da depressão neurótica. A autora, a respeito, ainda irá enfatizar o seguinte:

No caso da neurose, a posição subjetiva é a da crença no fenômeno; crença essa que sempre pode ser posta em questão. Já a psicose é a única estrutura na qual se encontram experiências que são vividas pelo sujeito no campo do enigma/certeza. Considerando a melancolia como seu tipo clínico, a culpa apareceria aí então como uma experiência avassaladora, fora da esfera da dúvida. Já na depressão neurótica haveria a possibilidade de modalização da culpa (LUSTOZA, 2018, p. 139).

A melancolia, no ensino lacaniano, pode ser interpretada, neste momento, como um tipo clínico da psicose, de modo que a certeza psicótica seria, então, uma quarta premissa da melancolia, como reflete a autora. Medeiros e Matos (2018) acentuam nesta proposta que é exatamente o rechaço da linguagem que permite a colagem do sujeito com o objeto.

Rodrigues (2000), seguindo nesta posição, elucida que os fenômenos depressivos que podem vir a se manifestar na neurose não são determinados pela forclusão do Nome-do-pai, assim como na melancolia. Portanto, há diferenças cruciais entre as duas questões, tanto na questão quantitativa, quanto qualitativa.

No que tange à excitação maníaca, Rodrigues (2000) é pontual ao afirmar que, mesmo que a mania se apresente de forma inversa à melancolia, ambas estão intrincadas no mesmo mecanismo de retorno do real. “Na melancolia, o efeito da busca fundada na falta mostra-se deficiente, acentuando-se o puro efeito da perda, o gozo mortífero que aqui retorna no real” (RODRIGUES, 2000, p. 177). Por esta razão, é possível compreender que Lacan tratará a melancolia, a mania e o luto como um problema dialético e, por sua vez, um processo que, incansavelmente, retorna ao seu ponto de origem.

Melancolia no contemporâneo: pulsão, desejo e gozo em Melancolia (2011)

Melancolia (2011) é um filme dirigido pelo cineasta dinamarquês Lars Von Trier, e que elucida em sua projeção uma história atípica, ácida, igualmente a outros projetos do diretor. No filme, um planeta chamado Melancolia está em rota de colisão com a Terra,

pondo sua destruição como inevitável. Neste cenário caótico, Justine (Kirsten Dunst) emerge como protagonista da trama, que irá se casar com Michael (Alexander Skarsgard), seu então noivo. Justine recebe apoio e ajuda de sua irmã, Claire (Charlotte Gainsbourg), na realização da festa de casamento visivelmente pomposa. Contudo, em contrapartida, angustia negativas de sua mãe.

Assim como aponta Corbanezi (2012), *Melancholia* (2011) pode ser interpretado como um intenso e profundo diagnóstico do presente, um diagnóstico da contemporaneidade, lançando uma crítica ao moderno e ao jogo da felicidade, que nos leva à reflexão sobre a patologia dos nossos próprios valores sociais.

Melancholia (2011) inicia-se com um prólogo denso, sendo exposto ao som da ópera *Tristão e Isolda* (1859) de Richard Wagner, bem como a presença do quadro *Caçadores na Neve*, de Pieter Bruegel (1565). Ambos, entre outras imagens que tomam conta do plano em câmera lenta, ditam, assim, o clima da narrativa. Tanto a ópera, quanto as representações artísticas ao longo do filme, podem vir a representar o encontro com a perda, o encontro com o desespero, o encontro com a destruição, o encontro com a morte.

Levando em consideração o destaque artístico do qual o filme serve-se muito bem, principalmente das composições musicais para traduzir a dor do existir, Lambotte (1997) enfatiza que os doentes melancólicos traduzem frequentemente seu discurso como se eles se sentissem guiados muito mais por sons do que por palavras. A autora afirma que:

[...] como se sua própria voz, e numa menor medida a de seu interlocutor, os levasse a uma espécie de estado hipnótico de que mais eles teriam dificuldade de sair; e sua agressividade voltada contra eles mesmos se redobraría então, em um efeito de só-depois, proporcionalmente à intensidade de “satisfação” que eles sofrem (LAMBOTTE, 1997, p. 114-115).

É preciso, ainda, considerar outro ponto nodal: a ironia. Como pontua Corbanezi (2012), no início do filme, a ironia pode ser representada pela desproporção da limusine em uma estreita estrada, demonstrando, desta forma, que o projeto de felicidade do casal, o investimento na vida contemporânea, é um caminho difícil, árido, e sem probabilidade de funcionamento.

O telespectador, nesta primeira parte, como acentua o autor, é convidado a entrar na festa de casamento de Justine e Michael. Há, no casamento, uma certa estranheza temporal, similar a uma vertigem. O diretor potencializa aqui a ideia de felicidade, a que é esperada pelo Outro, uma felicidade mascarada. Corbanezi (2012) fala que o diretor faz operar, portanto, alguns dos imperativos de gozo tornados deveres sociais em nossa contemporaneidade.

Sobre a presença da melancolia na contemporaneidade, Chauí-Berlinck (2008) aponta que sim, é possível tomar a melancolia como sintoma de uma contemporaneidade marcada pelos ideais narcísicos. A vida em sociedade é uma vida voltada à privacidade, assim como reflete a autora. Uma vida voltada às relações competitivas entre os demais, uma vida de valorização da intimidade, valorização das demandas íntimas e dos interesses.

Fazemos a articulação entre o processo de socialização patológico e a sociedade contemporânea por que esta é narcisista na sua forma intrínseca, isto é, na maneira como produz e opera

apenas com a imagem enquanto imagem, elaborada e transmitida não só para substituir o real, mas para oferecer um suposto gozo imediato e com isso bloquear os processos psíquicos e sociais de simbolização, sem os quais o desejo não pode ser transfigurado e realizado. Paralisia do desejo no narcisismo, impossibilidade de simbolização e ausência de pensamento, a sociedade contemporânea nos faz permanecer na imediação persuasiva e exclusiva da imagem e só é capaz de propor e provocar atos sem mediação e que, por serem atos que não conseguem efetivar-se, sua impossibilidade se exprime sob a forma da Melancolia/Depressão (CHAUF-BERLINCK, 2008, p. 45).

O sujeito vive, portanto, em uma eterna busca de satisfação de seus desejos, aquilo que, tamponaria seu vazio. A autora supracitada afirma que, a perda de referenciais, a insegurança quanto ao presente e futuro, a competição, as ideias de beleza social, caracterizariam, deste modo, tanto o narcisista, assim como, a sociedade narcisista. E ainda completa, trazendo que o sentimento de não corresponder a esta imagem, o sentimento de distância, o sentimento de perda e impulso antropofágico contra o outro, é o efeito necessário do narcisismo, neste caso, efeito necessário da melancolia.

Por este sentido, o filme também poderia ser (re)interpretado, de acordo com o exposto por Ades (2016), como uma grande crítica ao casamento e à sociedade contemporânea. Uma crítica à felicidade e ao capitalismo. Uma crítica aos modelos vigentes de felicidade propagados pela sociedade da imagem. Por este sentido, o casamento representa, sim, a esperança, um rito socialmente aceito e repleto de memórias. Todavia, para Justine, o casamento é um rito da desesperança, da dor, do vazio, do encontro com a perda.

Bersot (2017) vai enfatizar que o casamento na sociedade contemporânea vem perdendo espaço, e que os ritos se enfraquecem ao longo do tempo na cultura. O casamento não sobrevive à ritualística, e o próprio vestido de noiva vai se desfazendo, vai se rompendo, ao longo da narrativa. Por um lado, mais objetivo, mas, ainda sim, concordando com Ades (2016) e Chauí-Berlinck (2008), Bersot (2017) vai acentuar que o diretor, Lars Von Trier, se inspirou nas personagens das duas irmãs, Claire e Justine, retirando-as de outras duas obras.

Bersot (2017) enfatiza ainda que a Claire foi um desdobramento da Claire da peça *As Criadas*, de Jean Genet, que teve sua exibição em 1947. Por outro lado, Justine foi retirada do livro do Marquês de Sade, *Os infortúnios da virtude*, publicado originalmente em 1791, pontuando, nesta sentença, que *Melancolia* (2011), bem como suas fontes de inspiração, é uma história sobre desejo, sobre gozo, sobre pulsão.

À respeito do desejo, do gozo, e da pulsão, Dunker (2016) vai trazer que, em Freud, o desejo é visto como o retorno a traços mnêmicos e satisfação, um certo retorno à uma identidade perceptiva, que moveria o aparelho psíquico para que ele pudesse vir a reproduzir experiências de satisfação. Portanto, o desejo, em Freud, estaria ligado às representações. Em *Melancolia* (2011), a representação do desejo emerge na relação entre Justine e a natureza, entre Justine e o planeta, entre Justine e o Outro.

Uma outra questão axial, e que é vista no problema contemporâneo, e representada bem no filme, é a pulsão. Dunker (2016) vai assinalar que, em Freud, a pulsão seria, então, o esforço para reencontrar um objeto, uma restituição, fazer com que, aquela experiência, aquela cota de satisfação, tenha um certo modelo. Diante dessa questão, em *Melancolia*

(2011), Justine, em trânsito nas relações, consigo, e com o Outro, não consegue reencontrar o objeto perdido.

Dunker (2016) ainda enfatiza que, nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1901-1905/2016), Freud vai dizer que a pulsão é o que há de mais plástico na sexualidade humana, ela se constitui, neste sentido, a partir do Outro.

A pulsão, em *Melancolia* (2011), toma corpo principalmente nos momentos em que Justine demonstra proximidade da desconstrução de uma realidade, proximidade da desconstrução do imaginário, e em alguns momentos em que a lucidez ganha forma.

Ades (2016) expõe que o melancólico sente necessidade, precisa apontar a realidade que tanto enxerga, assim como o sujeito contemporâneo, visto e reinterpretado através do filme. Ades (2016) completa, trazendo que o escárnio do melancólico pode ser visto nas cenas em que a idealização impera, onde Justine chega ao estado máximo de apatia.

Visto sob esta ótica, Bersot (2017) unifica esse discurso, trazendo que Justine é uma personagem que se mostra adaptada à vida corrida, à vida da agitação, à vida do gozo contínuo, que marca o sujeito contemporâneo, e que dita, até certo grau, o nível das relações sociais.

Para Justine, o casamento é o próprio fracasso, e, apontando esta realidade, fica cada vez mais próxima da desconstrução do imaginário e de um esforço para reencontrar o objeto. Por este sentido, Dunker (2016) esboça criativamente, a partir da leitura lacaniana, a proposta de desejo, pulsão e gozo.

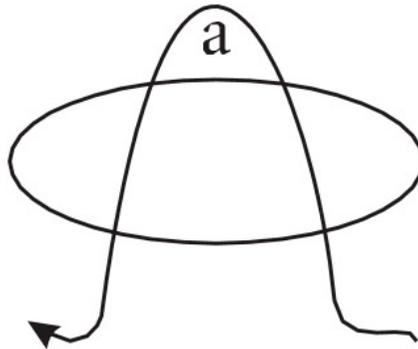
Dunker (2016) vai dizer que Lacan às vezes vai aproximar ou afastar os conceitos freudianos, e, um deles, a pulsão de morte, Lacan irá radicalizar. Dunker (2016) aponta que a pulsão de morte, na psicanálise lacaniana, é um retorno, uma repetição, já que a pulsão é um trabalho de demanda, uma relação com o objeto e com as experiências de satisfação.

Justine irá realizar isto, um retorno às experiências de satisfação. Por outro lado, sua irmã, a Claire, conseguirá, à sua maneira, como exposta por Ades (2016), lidar com a melancolia no cotidiano; ela será posta na posição de alicerce para Justine. Aqui, é possível ver um contrapeso nas pulsões.

No que condiz à questão pulsional e a seu trajeto na melancolia, Quinet (2009) explica que é possível interpretar o sujeito como equivalente ao próprio objeto no trajeto, neste caso, no trajeto da pulsão.

Medeiros e Matos (2018) trazem que o esquema fornecido por Quinet (2009) mostra como o trajeto da pulsão revela, neste sentido, um panorama onde não há extração do objeto, onde, este objeto, encontra-se fundido com o sujeito. “A melancolia desvela a própria estrutura autista da pulsão: parte do sujeito faz a volta no objeto e retorna para o sujeito, [...] e nessa volta completa da pulsão “o sujeito é o seu objeto” (QUINET, 2009, p. 216).

Fig. 1: Trajeto da pulsão na melancolia



Fonte: QUINET, 2009, p. 216

Nas conceituações seguintes, mas sem perder a noção da questão pulsional, Dunker (2016) será conciso, trazendo que, para Lacan, o desejo vai envolver um trabalho psíquico de reformação, de retorno, de restituição, de realizar um conjunto de traços mnêmicos. O desejo, para Lacan, segundo Dunker (2016), é o trabalho do significante. Como exemplo prático, o autor explicita que as palavras nunca representam aquilo que queremos; esse trabalho do significante, será nesta instância, um trabalho de se apossar do desejo do outro.

Como tratado de antemão, Justine vai colocar sobre a mesa o escárnio, e, com isto, o significante tomará conta, o trabalho de se apossar entrará em vigor, e a representação das palavras emitidas por Justine e por Claire deslizam.

Na tópica do gozo, Dunker (2016) vai dizer que ele é um tipo particular de satisfação. No gozo, há uma forma de curto circuito. De acordo com o autor, o gozo é a satisfação inconsciente que depende da repetição, que nos leva a um estado anterior, um estado no qual éramos dotados de ausência de perturbação. O gozo só pode ser mantido na escada invertida da lei do desejo, e, por esta razão, está vetado para quem fala, como assinala Dunker (2016).

Camargo (2007), na disposição de sujeito do gozo, dirá, por esta via, que

A noção de sujeito do desejo irá caracterizar-se por oposição à noção de sujeito do gozo. Por um lado, há o sujeito do desejo, aquele que se localiza diante do objeto como falta-a-ser, ou seja, por relação ao objeto *a* como objeto perdido. Por outro, tem-se o sujeito do gozo [...] alienado na sua relação com o objeto *a*. Isto é, na noção de sujeito do gozo é o objeto quem comanda a relação. [...]. Essa relação é caracterizada como modo de gozo (CAMARGO, 2007, p. 2).

Tendo isto em vista, Dunker (2016) explicita que no gozo não há tradução, pois, quando falamos, traduzimos em significante, e o significante nos remete ao Outro, e o Outro faz com que nós sejamos alienados ao desejo, que é sempre intersubjetivo.

Lacan afirma que não se pode definir o significante sem o gozo, e que não se pode definir o gozo sem o significante. Portanto, traz uma nova definição de significante que se refere ao corpo.

Essa referência se faz sob a modalidade do sintoma. O sintoma inclui o desejo e o gozo. Trata-se de restabelecer, a partir do *Seminário 20*, uma noção que não separe o sujeito da substância gozante. Há um real no sintoma que deve ser incluído no seu conceito. A noção de sujeito do desejo não comportaria o gozo irredutível a essa noção de sujeito do significante (CAMARGO, 2007, p. 5).

O gozo, portanto, seria uma satisfação inconsciente que se mostra como uma certa insatisfação, um desprazer, é aquilo que não serve para nada, como observa Dunker (2016). O resto, que advém da relação dialética entre Justine e Claire, como é retratado no filme, além do encontro (a colisão) com o planeta melancolia, nos minutos finais da projeção, nos remete à cadeia daquilo que se repete, aquilo que nos encaminha a um estado anterior ao atual, aquilo que é desprazeroso, aquilo que é intraduzível.

Bersot (2017), em sua proposta de análise filmica, afirma que o crescimento dos melancólicos e depressivos apenas reforça a ideia de que a morte exerce uma cota de fascínio nas pessoas, uma atração enorme na sociedade contemporânea. Da mesma forma que o planeta melancolia atraiu a terra em sua direção, destruindo-a, a morte atrai seus numerosos e infelizes entusiastas, e os destroem, conclui o autor.

Melancholia (2011) é um filme que brinca com isso, com estas posições. Ele brinca com o desconhecido, brinca com a (des)esperança, brinca com a dúvida e a dor, e, mais enfaticamente, brinca com o imaginário, ao mesmo tempo em que dialoga, muitas vezes, em sua narrativa poética, com a lucidez mortífera.

Desamparo social e a política da melancolização: entre linguagem, culpa e laço social

Diante do cenário sociopolítico atual, abarcando não apenas o contexto brasileiro, mas, sobretudo, o contexto onde os sujeitos transitam, depositando ansiedades, inseguranças, medos, cabe, portanto, a reflexão sobre como que a psicanálise compreende a questão do desamparo social e a instituição de uma política da melancolização.

Todavia, é preciso reiterar que, para a compreensão de um corpo político melancólico e de estados de descontentamento social, se faz imperiosa a dissecação de como que a linguagem, a culpa e o laço social, estão intimamente imbricados neste processo, de facultar sujeitos assujeitados ao desejo do Outro.

Para tanto, Maria Rita Kehl, em seu texto, *Melancholia e criação* (2011), presente na edição de *Luto e Melancholia* (1917 [1915]/2011), afirma que alguns melancólicos, para dominar o outro que os habitava, na época da antiguidade até a Era Moderna, vinham a público escrever sobre ela e descrever sua experiência. Kehl (2011) acentua ainda que o melancólico seria o sujeito que teria perdido seu lugar no laço social, sentindo a necessidade de reinventar-se. Este ato de reinvenção estaria no campo da linguagem.

A perda de lugar que Kehl (2011) se refere ocorre quando o sujeito melancólico não se sente mais capaz de conseguir adaptar-se às exigências do Outro. Por outro lado, a reflexão clássica sobre a melancolia, como a autora assinala, é indissociável de uma reflexão sobre a atualidade, e a atualidade traria consigo a questão do que Kehl (2011) chama de sintoma social, e Dunker (2016), de patologia mãe.

Neste ponto entrecruzado, Kehl (2011) observa que a clínica da melancolia não se esgota para a psicanálise no âmbito das patologias da tristeza, e que o lugar de sintoma social, na atualidade, que havia se perdido na teoria da melancolia, retorna a exigir a atenção dos psicanalistas na clínica das depressões.

Quando se discute à respeito da melancolização na sociedade contemporânea, é preciso, ainda, enunciar a posição que o sujeito ocupa frente a esta sociedade. Jerusalinsky (2018) vai situar que o plano de fundo da melancolia é o de uma sociedade que coloca em cena o objeto de consumo, e que, de certa forma, hipervaloriza este objeto.

A autora supracitada enfatiza que este objeto é colocado no lugar da palavra, e que, assim, não oferta espaço à elaboração da experiência. É possível observar vividamente este objeto nas avenidas, nas televisões, nos espaços públicos e privados, voltados, assim, à uma edificação, a uma estabilização, a um engrandecimento do discurso capitalista.

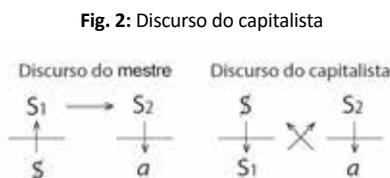
Jerusalinsky (2018) sublinha, ainda, que este objeto cultua o estado eufórico, em que a tristeza causa estranhamento, e que afasta, nega, qualquer tipo de fracasso, deixando-se embebedar pelo cego brilho efêmero do triunfo. Os suicídios e a depressão na sociedade contemporânea, a sociedade do desamparo e da política da melancolização não devem ser considerados uma falha, mas é necessário que se possa entendê-los como um outro lado da aceleração maníaca, que, atualmente, tem sido considerada normal, como notabiliza a autora.

Quando se trata da inclusão do psicótico nos laços sociais, Quinet (2009) demonstra-se enfático nesta proposta. O autor expõe que há um grave risco nesta inclusão, risco de inserir o psicótico no discurso capitalista, o que significaria, assim, uma compactuação com a forclusão, afastando a possibilidade do sujeito de subjetivação.

Quinet (2009), sobre o discurso capitalista e a forclusão no psicótico, dirá o seguinte:

[...] o discurso do capitalista promove a forclusão da castração, ao tentar inseri-lo nesse falso laço social estaríamos não só compactuando com essa negação que foraclui a diferença [...], mas substituindo a forclusão estrutural do sujeito pela forclusão exercida pelo capital. O discurso do capitalista interpreta a forclusão da seguinte forma: o que está foracluído no simbólico sexual retorna no real como um objeto de consumo. [...]. O discurso do capitalista interpreta: “Vamos tratar, então, o sujeito oferecendo-lhe um objeto de consumo com seu valor de troca, acoplando o sujeito a uma mercadoria” (QUINET, 2009, p. 55).

Como abordado por Souza (2018), Lacan, ao tratar do discurso do capitalista, não referencia esse discurso da forma igual, assim como fez com os outros quatro, e, até hoje, a discussão de o discurso do capitalista ser o “quinto discurso” permanece. O matema do discurso do capitalista proposto por Lacan é estabelecido da seguinte forma:



Fonte: BADIN E MARTINHO, 2018.

É possível afirmar que o discurso do capitalista se originou por uma mudança breve na estrutura do discurso do mestre, como situa Camargo (2009), e que, $S1$ e $\$$ trocam de lugar, bem como o sentido de sua seta. Lacan enunciara que, “alguma coisa mudou no discurso do mestre a partir de certo momento da história [...], a partir de certo dia, o mais-de-gozar se conta, [...]. Aí começa o que se chama de acumulação de capital” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 169).

É imprescindível, portanto, estar atento ao direcionamento das setas à esquerda, como revela Camargo (2009). O $S1$ encontra-se, nesta organização, no lugar na verdade, e que não determina mais o que está acima da barra, o $\$$. Este afasta, repudia, empurra a determinação que nos outros discursos vem deste lugar, como explicita o autor.

Camargo (2009) discute que, no discurso do capitalista, é o agente que determina a verdade, e a verdade, produzida por ele não tem nada de inconsciente. O autor ainda sustenta a ideia de que esse discurso funciona como circuito fechado, porque angaria através da produção de objetos para gozar.

No discurso do capitalista, a barreira entre a verdade e o produto do discurso desaparece, porque, aqui, não há mais verdade recalcada. A verdade começa a ser determinada, neste contexto, pelo sujeito, para fazer com que o outro consuma sem cessar. Em vista disso, este consumo promoverá a ilusão de um aplacar a falta-a-ser; o sujeito é transformado em consumidor, como revela Camargo (2009).

Neste ponto, o laço social perde sua estrutura, e os sujeitos passam a ser apenas objetos que podem ser contabilizados, moldados, transformados em consumidores. O sujeito, aqui, fortalece o capital, em que o $S1$ dirige-se a $S2$, colocando o gozo deste, à sua disposição, a seu serviço, esclarece o autor.

Se faz importante apontar também que, neste momento, não importa quem produz o objeto a , mas importa sim que este produto retorne para as mãos do capitalista, como discute Souza (2018). O autor, ao refletir Braunstein (2010), assegura que, no matema deste discurso, um vetor diagonal, ascendente, existe, e que vai do objeto a à $\$$, e que esta vinculação do objeto mais-de-gozar e do sujeito encontrava-se afastada, excluída, na fórmula clássica, tradicional, do discurso do mestre.

Souza (2018), portanto, esclarece que o sujeito, no lugar do agente, é o antropocentrismo da modernidade no lugar das estruturas antigas que ligavam o senhor e o escravo, e, desta forma, o autor completa:

[...] A inversão de $\$$ e de $S1$, em comparação ao discurso do mestre, significa colocar o $S1$ na posição da verdade e $\$$ na posição de agente. Em termos lacanianos, o declínio do discurso do mestre será então ao advento da modernidade [...] No entanto, para que isso possa se formalizar, é preciso também suprimir os vetores entre o agente e o gozo e entre a verdade e o mais de gozar [...] (SOUZA, 2018, p. 121).

Partindo da lógica deste discurso, quando se trata de mercado, política e sociedade, Quinet (2009) refletirá que a falta de uma perspectiva igualitária, o desemprego em curva acentuada, a queda de ideais voltados ao progresso, a agressividade mercadológica

associada aos imperativos de gozo, tudo isto, de alguma forma, contribui para o estado depressivo de um sujeito. Este sujeito encontra-se desorientado, sem referências em relação ao seu desejo.

Essa deterioração dos laços sociais e o empuxo ao prazer solitário, realizando a economia do desejo do Outro, estimulam a ilusão da completude não mais com um par, porém com um parceiro conectável e desconectável ao alcance das mãos. O resultado não pode ser senão a decepção, a tristeza [...] (QUINET, 2009, p. 170).

Tendo estas questões em vista, é preciso retornamos um pouco, e considerar, ainda, a questão do gozo e suas interfaces com o poder e a linguagem. Danziato (2012) afirma que Lacan recuperou as discussões freudianas da relação do sujeito com a regulamentação das pulsões; uma regulamentação cultural. Estamos postos diante dos “paradoxos de gozo”, sendo estes paradoxos estabelecidos pela relação do sujeito com a linguagem, com a Lei e com o Outro (A), como sentencia Danziato (2012).

Sobre esta questão, o autor pontua que, a partir do momento em que se estabelece uma interdição, dois caminhos se abrem para o sujeito: o da aceitação da normatização pelas leis simbólicas da cultura e da linguagem, e um efeito paradoxal de gozo com a transgressão e a culpa (um gozo de morte). Danziato (2012) conclui, trazendo que, neste ponto axial, o sujeito estaria, portanto, diante da sua inserção na cultura e na linguagem.

Esta inserção, na melancolia, assim como na estrutura psicótica, não acontece como na neurose, visto que, na neurose, o operador do mecanismo de defesa é o recalque, e na psicose é o Nome-do-pai que está foracluído.

Por esta razão, Bruce Fink, em seu livro *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo* (1998), vai assinalar que a linguagem permite a substituição de um objeto amado por outro, e, no caso da melancolia, a substituição ou deslocamento não será possível, pois a fixação está funcionando, ou determinando o funcionamento, e alguma parte, algum fragmento do real continua a não ser simbolizado.

Carneiro *et al.* (2006), ao refletir a questão que cabe à melancolia, o laço social, e o ressentimento, e delineando a problemática da culpa na sociedade contemporânea, vai mais longe. O autor será categórico ao afirmar que, para Freud, a culpa seria uma das premissas do laço social, em conformidade com o mito totêmico, trazido anteriormente. O autor aponta que esse mesmo pai se apresenta também como objeto amado, e sentimentos ambivalentes fazem a culpa circular. O lugar que os filhos ocupam passa a ser o lugar simbólico, e a renúncia ao gozo excessivo pode ser vista como uma condição básica do laço social.

O ressentimento e a melancolia, assim como revela Carneiro *et al.* (2006), elucida os impasses do sujeito frente ao objeto, objeto visto como representação. Estes impasses são revelados numa época marcada pelo declínio de Eros e do simbólico, na qual as elaborações do luto demonstram-se fragilizadas, como aponta o autor; o luto dos mitos, cada vez mais difíceis de serem realizados. E, como se não fosse suficiente, na falta da referência paterna, o outro acaba se tornando objeto do rancor ressentido, como pontua Carneiro *et al.* (2006).

No que diz respeito à presença da melancolia nos espaços sociais, bem como, considerando a função paterna e um corpo político que vai explorar o desamparo das pessoas, Dunker (2019) explora o contexto de forma a compreender a ação melancólica sobre o sujeito.

O autor, portanto, vai trazer que a sociedade contemporânea é uma sociedade em que a política vai incitar a melancolia social, uma política que visa, que estimula, que proporciona o desamparo das pessoas, uma política que dirá: não faça nada, não há saída, não há nada que possa ser feito.

Dunker (2019) é preciso e afirma que a resposta desta política será: confie em mim, transfira todas as suas esperanças para mim (o pai todo-poderoso), transfira toda a ação de possibilidade de mudança sobre o mundo para mim. Daí a emergência de salvadores da pátria.

A política da melancolização, como bem discute Dunker (2019), trará, em seu marcante discurso, um sujeito com uma profunda necessidade de amar um pai todo salvador idealizado, ou, em contrapartida, que este mesmo sujeito venha a se odiar, ou, a odiar o mundo que o cerca, porque, de certa forma, este mundo não se moldou, não se transformou, em favor dele mesmo. Dunker (2019) tratará a política da melancolização como uma tópica baseada em três questões nodais, que moldam, assim, um Estado melancólico: uma política baseada no medo, em seguida, no ódio, e, por fim, no desamparo.

O desamparo também pode ser visto na obra *Os outros em Lacan* (2012), de Antonio Quinet. O autor não medirá esforços ao endossar que o sujeito, durante sua vida, procura sempre um Outro em que consiga, de certa forma, se ancorar. Este Outro possuindo amor e segurança, como expressa Quinet (2012).

A relação possível a ser feita com Dunker (2019) é a da procura pelo Outro que irá suprir sua falta, pois este desamparo descortina o sujeito. O sujeito melancólico, apesar de buscar um ancoramento, como expressa Lambotte (1997), identifica-se com o nada, evitando, assim, a resignação ao aniquilamento frente à inacessibilidade de uma forma, de um modelo, de uma característica muito exigente. Lambotte (1997) ainda irá assinalar que isto pode não aliviar o significante simbólico do peso do impacto do real, e, neste conjunto, o imaginário foi reduzido a uma pura e simples expressão, como é, também, possível observar em *Melancolia* (2011).

[...] o fato de o sujeito melancólico a nada aspire e rechace toda possibilidade de investimento na atitude de renegação que o caracteriza e lhe torna inconcebível um interesse pelas coisas indica certamente um desfalecimento da função imaginária que consiste em dar sentido. E sem dúvida a negação traz em si esta incapacidade de dar sentido, específica ao sujeito melancólico, pela qual a relação a outrem (o simbólico) consiste essencialmente em uma elaboração defensiva contra a eventualidade do retorno da catástrofe, ou seja, da morte (o real) (LAMBOTTE, 1997, p. 482).

Quinet (2012), seguindo esta lógica, alega que o Outro falta por estrutura, e este sujeito, ao longo de sua vida, será apresentado apenas a alguns substitutos. Mesmo com estes substitutos, a completude não será efetivada, pois, na completude, algo também falta, falta algo ao Outro, segundo Quinet (2012). Quando o sujeito se depara com a falta do Outro, o desamparo aflora, e ultrapassar este desamparo seria, então, o destino de uma análise.

Em seu texto, *O laço social e o mal-estar face ao desamparo*, Cavalcanti e Poli (2015) salientam que o sujeito sempre recorreu a elementos para conseguir lidar melhor com seu desamparo, elementos estes internos ou externos. As autoras realçam que o desamparo é singular na história de cada um, e, desta forma, compreende-se que a cultura do narcisismo, a cultura do contemporâneo, a cultura da política da melancolização, impossibilitam a admiração pelo Outro em sua diferença. A diferença, ou o que lhe é diferente, é vista pelo sujeito como um mero objeto para seu uso.

Cavalcanti e Poli (2015) ressaltam ainda que os laços sociais servem para manter as ilusões, e, por isto, na questão freudiana, a felicidade não poderá ser alcançada apenas e somente em sua forma singular, através da economia pulsional.

As autoras supracitadas frisam que o mal-estar da civilização é, deste modo, produto dos discursos do mestre, do universitário e, mais enfaticamente, do capitalismo, discursos estes que promovem, portanto, uma certa cota de desamparo social e uma inclinação à política da melancolização.

É possível analisar melhor esta questão em *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros* (2015), de Christian Dunker. O autor vai destacar que a experiência individual no sofrimento singular não deve ser separada dos movimentos sociais que lhe deram origem. É preciso que um compartilhamento seja realizado, uma socialização, uma posição crítica seja estabelecida, um transitar que promova a troca.

Dunker (2015) esclarece que forma como os sintomas se articulam, lembrando que a melancolia pode ser vista como uma forma de sintoma no contemporâneo, sob forma de experiência desarticulada com o mal-estar, corresponde ao que Lacan chamou de *real do sintoma*. Dunker (2015) sublinha nesta instância que os sintomas também são poderosos veículos de identificação, porque se formam por identificações abolidas, e é aqui que o sintoma organiza, de forma simbólica, demandas com outras articulações do imaginário.

Tendo isto em vista, Dunker (2015) no que tange à melancolia, à sociedade melancólica, à política da melancolização e aos estados de descontentamento social, destaca que, se há uma estrutura fundamental da modernidade, esta estrutura é a melancolia. O sujeito moderno é um sujeito melancólico, antes de tudo, como revela o autor; um sujeito de uma melancolia incomum, diferente, atípica, visto que se caracteriza por não aceitar, por não acolher, por não condescender seu próprio destino.

Considerações finais

Tendo em vista os aspectos trabalhados, o presente artigo buscou discutir, de forma mais aprofundada, como que a melancolia pode vir a promover o desamparo social e uma política da melancolização, com base na concepção da melancolia em Freud, e, posteriormente, uma ampla reflexão calcada no ensino lacaniano. Para tanto, foi necessário um resgate teórico do que seria, de fato, a melancolia enquanto concepção patológica e uma reflexão da melancolia no contemporâneo, impressa no filme *Melancolia* (2011), para, depois, interpretá-la como parte ativa nos contextos sociopolíticos e suas possíveis implicações nas esferas de poder.

O interesse por esta pesquisa emergiu a partir de inquietações frente ao atual momento brasileiro e, também, mundial, em que é possível observar a queda de referências, o aumento de uma política cada vez mais opressiva, a disseminação do ódio, a dificuldade de se estabelecer relações sociais, a burocracia na esfera capitalista, e a promoção, cada vez maior, de desamparo social. Partindo deste princípio, a revisão bibliográfica se fez imperiosa na constatação de que a política atual, a política capitalista, a política da melancolização é uma ampla potencializadora de estados de descontentamento social, e, ainda, nutre um Estado melancólico.

Destarte, apesar de inúmeras referências que foram encontradas durante o processo de coleta, é imprescindível que novas pesquisas sejam realizadas, para que outras interpretações, releituras, revisões, possam vir a dar visibilidade à temática. Isto posto, a proposta deste artigo não é, e nunca será, a de esgotar o assunto, e sim, de abrir portas para a criticidade.

Referências

- ADES, Taty. 2016. 1 vídeo (14m07s). Publicado pelo canal No divã com Taty Ades. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iH9ISyshxYQ>. Acesso em: 21 jul. 2020
- BADIN, Rayssa; MARTINHO, Maria Helena. O discurso capitalista e seus gadgets. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, ano 10, v. 2, p. 140-154. 2018.
- BRAUNSTEIN, Néstor A. O discurso capitalista: Quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): Sexto discurso? **A peste**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 143-165, jan./jun. 2010.
- BRUEGEL, Pieter. **Caçadores na neve**. 1565. Pintura. Pintura a óleo sobre madeira, 117 x 162 cm.
- CAMARGO, Ana Carolina C. S. de. "Ladainha de professor", qual o assento desse discurso?. *In: FORMACAO DE PROFISSIONAIS E A CRIANCA-SUJEITO*, n. 7, 2009, São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032008000100014&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 03 jul. 2020.
- CAMARGO, Luis Francisco Espíndola. Sujeito do desejo, sujeito do gozo e falasser. **Opção lacaniana online**, Rio de Janeiro, dez, 2007.
- CARNEIRO, Henrique Figueiredo; MAPURUNGA, Juçara Rocha Soares; SILVA, Janaína Sousa Bezerra da; COSTA, Raul Max Lucas da. Melancolia, ressentimento e laço social: repercussões na clínica psicanalítica. **Revista mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 6, n.2, p. 450-471, 2006.
- CAVALCANTI, Cristina Aparecida Tannure; POLI, Maria Cristina Poli. O laço social e o mal-estar face ao desamparo. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p.55-73, jul./dez. 2015.
- CHAUÍ-BERLINCK, Luciana. **Melancolia e Contemporaneidade**. São Paulo: Universidade São Marcos (Cadernos Espinosanos), v. XVIII, n. 18, p. 39-52. 2008.
- CLEMENTE, Adauto. **Elaborações psicanalíticas sobre a melancolia e a mania**. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. Almanaque On-line, n. 12. jan./jun. 2013. Disponível em: <http://almanaquepsicanalise.com.br/elaboracoes-psicanaliticassobre-a-melancolia-e-a-mania/> Acesso em: 06 jul. 2020.

- CORBANEZI, Elton. Melancolia, de Lars Von Trier: um diagnóstico do presente. Baleia na rede. **Estudos em arte e sociedade**, v. 9, n. 1, 2012.
- BERSOT, Claudio Romulo Mussi. 2017. 1 vídeo (17m44s). Publicado no canal Caminhos do imaginário. Melancolia, filme de Lars Von Trier. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cTrdOUVjtO0&list=WL&index=14&t=111s>. Acesso em: 06 jul. 2020.
- DANZIATO, Leonardo. O gozo e o poder no seminário a ética da psicanálise de Lacan. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 44, n.1, p. 147-166, 2012.
- DUNKER, Christian. 2019. 1 vídeo (13m39s). Publicado no canal Christian Dunker. A sociedade melancólica. Falando nisso 247. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KuhMoXJQnAA&list=WL&index=15&t=0s>. Acesso em: 01 jul. 2020.
- DUNKER, Christian. 2016. 1 vídeo (5m40s). Publicado no canal Christian Dunker. Qual é a relação entre depressão e melancolia? Falando nisso 23. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=41kGuYcG2eA&list=WL&index=26&t=0s>. Acesso em: 03 jul. 2020.
- DUNKER, Christian. 2016. 1 vídeo (5m30s). Publicado no canal Christian Dunker. Qual é a diferença entre desejo, pulsão e gozo? Falando nisso 43. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4MJJaH5RoqkE&list=WL&index=10&t=0s>. Acesso em: 08 jul. 2020.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Tradução Maria de Lourdes Sette Câmara. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FREUD, Sigmund. (1917 [1915]). **Luto e melancolia**. Tradução, introdução e notas Marilene Carone. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.
- FREUD, Sigmund. (1912-1914). **Totem e Tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FREUD, Sigmund. (1901-1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“o caso dora”) e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- GENET, Jean. **As criadas**. Dir. Louis Jouvet. Théâtre de l'Athénée, Paris. 1947.
- JERUSALINSKY, Julieta. **A melancolização na infância contemporânea: entre o linchamento virtual e a política do “no touch”**. (Cadernos de Psicanálise) – SPCRJ, v. 34, n. 1, p. 26-33, 2018.
- KEHL, Maria Rita. **Melancolia e criação**. In: FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.
- LACAN, Jacques. (1962-1963). **O seminário, livro 10: a angústia**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; versão final Angelina Harari e preparação de texto André Telles; tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LACAN, Jacques. (1969-1970). **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Texto estabelecido por Jacques Alain-Miller, versão brasileira de Ary Roitman; consultor, Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LAMBOTTE, Marie-Claude. **O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia**. Rio de Janeiro. Companhia de Freud, 1997.
- LUSTOZA, Rosane Zétola. Diagnóstico diferencial da melancolia em Freud e Lacan. **Arq. bras. psicol.** 2018, v.70, n. 2, p. 127-140. ISSN 1809-5267.

- MEDEIROS, Alberto Antunes; MATOS, Roberto Pires Calazans. A depressão como posição subjetiva: contribuições lacanianas. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 18, n. 2, p. 80-92, ago., 2018.
- MELANCOLIA. 2011. 1 vídeo (135min). Direção de Lars Von Trier. Suécia: Zentropa. Disponível em: <https://vizer.tv/filme/online/melancolia>. Acesso em: 25 jun. 2020.
- QUINET, Antonio. **Psicose e laço social**: esquizofrenia, paranoia e melancolia. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.
- QUINET, Antonio. **Os outros em lacan**. Psicanálise passo-a-passo 94. Ed. Zahar. 2012.
- RIBEIRO, Thais Carneiro. A mania como um destino do luto: mania as a destination of Mourning. **Caderno Psicanálise** - CPRJ, Rio de Janeiro, v. 38, n. 35, p. 179-189, jul./dez. 2016.
- RODRIGUES, Maria Josefina Sota Fuentes. **O diagnóstico de depressão**. Núcleo de Estudos de Pesquisas Psicanalíticas da Psicose na Infância. Instituto de Psicologia – USP. Psicologia USP. v. 11, n. 1, p. 155-187, 2000.
- SADE, Marquês de. (1791). **Os infortúnios da virtude**. Iluminuras, 2000.
- SOLER, Colette. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Tradução Vera Ribeiro; consultoria, Marco Antônio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- SOUZA, Cláudio Cesar Dutra de. **Da mais-valia ao mais-gozar**: o discurso do capitalista em Lacan na leitura de Slavoj Žižek e da Escola Eslovena de Psicanálise. 2009 Dissertação (Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia, Rio Grande do Sul, 2018.
- WAGNER, Richard. (1859). **Tristão e isolda**: Op. 3 atos. Teatro da Baviera, Munique, 1865.

Recebido em: 11.08.2020

Aprovado em: 25.08.2020

Para referenciar este texto:

CAMPOS, Adalto Ferreira; DUBEUX, Tereza Maria Baptista. A sociedade melancólica e os estados de descontentamento social: uma análise psicanalítica sobre o desamparo social e a política da melancolização. **Lumen**, Recife, v. 29, n. 1, p. 65-82, jan. /jun. 2020.